

Da biblioteca à Sabedoria : os caminhos do Livro

O livro (ou *Monografia*) é uma unidade de informação original que obedece a um plano, produzido num momento preciso e apresentado sob uma forma acabada para leitura sequencial. O livro é sempre obra intelectual (*opus*) de um ou vários autores, ainda que não sejam conhecidos. Que seja impresso em papel não é essencial: um livro pode ser manuscrito ou pode ser eletrónico. Nem todos os recursos impressos são livros (os artigos de uma revista não seguem plano prévio, por exemplo) e um *e-book* é claramente um livro: finito, não-atualizável e com dados de autoria/produção bem determinados que o permitem situar como obra intelectual no tempo e no espaço.

1

Livro manuscrito

Representa o livro enquanto produto e instrumento da vida monástica medieval. Pertenceu à Livraria do Colégio de Santa Rita dos Agostinhos Descalços de Coimbra e deu entrada na Biblioteca da Universidade em 1859.

Possivelmente para uso escolar, por encomenda de um nobre, o clérigo João Meruelt, de Münster, fez esta cópia em letra humanística itálica dos comentários de Donato (séc. IV) e de Mauro Sérvio Honorato às obras de Virgílio.

Os ricos podiam encomendar livros pessoais de devoção chamados “livros de horas”, alguns deles belamente ilustrados. A grande novidade no livro de *Quatrocentos* foi o facto de se dirigir à leitura individual.

Depois da invenção da imprensa de tipos móveis, o manuscrito continuou a ser a forma de escrever qualquer original para a impressão. Este original (incompleto) foi escrito e desenhado no Oriente para, eventualmente, se publicar no Reino.

Finalmente, um manuscrito de trabalho, eventualmente destinado à organização de um dicionário. Ainda por estudar na

VITAE PATRUM HEREMITARUM
Vitae Patrum Heremitarum [manuscrito].
[França], [13--]. [2], [289], [2] f. (2 colns., 30 l.) :
pergamino, ilum. color. ; 405x271 mm.
Cofre 23

COMMENTARIA IN VERGILII OPERA
Virgilius M. cum comment[ario] [manuscrito] /
[Aelius Donatus], [Marius Servius Honoratus] ; per
Johannem Meruelt.
[Münster?], 1457-1458. [296] f. (41-43 l.) : papel,
ilum. color ; 2^o (32cm).
Ms. 1102

IGREJA CATÓLICA. Liturgia e ritual. Livro de Horas
[Horas de Nossa Senhora] [manuscrito].
[Bruges?]. [1502 ou 1513]. 121 [i. e. 123] f. (19 l.),
enc. : velino, ilum. color. ; 165x125 mm.
Cofre 13

João Ribeiro GAIO, ? -1601, e outro
[Armorial poético] [manuscrito].
[Malaca?], [ca 1590]. [43 br.], [1], 1-153 [i.e. 149],
[2], [72 br.], [10] p. : papel, il., brasões de armas
color. ; 305x215 mm.
V.T.-19-8-27

IN BIBLIOTHECAM LUSITANAM
In Bibliothecam lusit[an]am [manuscrito].
[S.l.], [após 1703]. 2 g., [2], 497 f., 2 g., enc. : papel;
217X150 mm.

sua totalidade, esta poderá ser a mais antiga biobibliografia de autores portugueses conservada.

Teve a cota Ms. 3392.
9-(4)-A-Ms.1

2

Incunábulo (ca. 1450-1500)

Aos livros produzidos nos primeiros tempos da invenção da imprensa de tipos móveis, chamamos “incunábulos”. Conhecido como *Crónica de Nuremberga*, este é o mais famoso incunábulo ilustrado europeu.

Hartmann SCHEDEL, 1440-1514
Registrum huius operis libri chronicarum...
[Nürnberg : Anton Koberger, 12 de julho de 1493].
R-69-2

Durante o século XV, o livro impresso irá adquirindo forma própria, criando, por exemplo, a página de título. Este incunábulo ainda apresenta a data (1462) num *colophon* escrito no final, como era vulgar nos manuscritos.

BÍBLIA. Latim
[Biblia Sacra Latina].
Magunt[un]ia : loh[ann]ez Fust et Petru Schoiffher de gernsheym, [14 de agosto de 1462]. 2 vols.
Conhecida como *Bíblia das 48 linhas*.
Mostra-se apenas o 2º vol.
Cofre 24

O melhor incunábulo nacional, uma tradução portuguesa (“*em lingoagem*”), utilizou tipos espanhóis e xilografuras alemãs e portuguesas e impressão com tinta negra e vermelha; foi tradução patrocinada pela rainha D. Leonor.

LUDOLFO DE SAXÓNIA, ca. 1300-1377
Vita Christi.
Lixboa : per Nicolao de Saxonia y Vale[n]tyno de moravia, 1495. 2 vols.
Mostra-se apenas a 4ª parte.
R-67-3

3

Livro Antigo (1501-ca. 1830)

A imprensa desenvolveu-se rapidamente, produzindo em poucos anos “cimélios” de grande beleza e complexidade tipográfica, como esta *Bíblia poliglota Complutense* (de Alcalá), que chega a combinar 6 textos por página.

BÍBLIA. Poliglota
Biblia sacra, hebraice, chaldaice et graece, cum tribus interpretationibus latinus... [Complutensi Universitatis : industria & solertia Arnaldi Guillielmi de Brocaris, 1514-1520] 6 vols.
Mostra-se apenas o 2º vol.
R-75-1/6

Em 1502, o impressor Aldo Manúcio começou a publicar livros num novo formato, mais portátil, o “oitavo”, com

DANTE ALIGHIERI, 1265-1321
Dante col sito, et forma dell' inferno tratta dalla istessa descrittione del poeta.

carateres diferentes, inspirados no que então se julgava ser a escrita cursiva romana.

Este Virgílio foi o primeiro livro impresso no novo papel velino (“*wove paper*”) inventado por J. Whatman (o Velho), que representou o início da mecanização do fabrico de papel.

O fabrico do papel contínuo e a substituição da prensa manual pela rotativa mecânica determinam o fim do que chamamos “Livro Antigo” e o aparecimento do livro impresso moderno. A Imprensa Nacional só teve prelos a vapor em 1846.

Os primeiros livros baratos e em massa foram vendidos em estações de comboio, editados em pequeno formato e num só volume, para maior comodidade dos viajantes. Assim aconteceu em Inglaterra com *W. H. Smith* (1848) e em França com a *L. Hachette et Cie* (1852).

Veneza : Aldo Manuzio e Andrea Torresano, 15 de agosto de 1515.
1-2-9-92

VIRGÍLIO, 70-19 a. C.
Publii Virgilio Maronis Bucolica, Georgica, et Aeneis. Birminghamiae : typis Johannis Baskerville, 1757.
1-3-15-467

DAS IMPRENSAS
Das impressas typographicas movidas por vapor. Museu Portuense. Porto, nº 1 (ago. 1838-jan. 1839), p. 9-11.
RP-6-8

Alphonse ESQUIROS, 1812-1876
Itinéraire descriptif et historique de la Grande-Bretagne et de l'Irlande.
Paris : libraire de L. Hachette et C.ie, 1865.
1-20-9-50

4

Outras formas do livro

A China inventou o papel e a impressão antes de Gutenberg, criando livros segundo uma longa e própria tradição, impressos normalmente por placas de madeira gravadas em relevo.

Outras civilizações da escrita chegaram a conceitos diferentes do livro. Mostra-se um manuscrito em folha de palmeira, um material que terá sido usado desde os primeiros livros na língua sânscrita, há mais de 6 mil anos.

A primeira tipografia europeia (de tipos móveis) que chegou ao Extremo-Oriente saiu de Portugal em 1587. Imprimiu em Goa, em Macau e nos

Pranchas para impressão xilográfica. China, sécs. 19-20.
Col. particular

[Purana :] [manuscrito].
[Kerala?, 18--?]. [ca. 125 f.] ; 345 x 43 mm.
Diálogos de um Purana não-identificado escrito em malaiala (malabar) em f. de palmeira entre duas régua de madeira, reunido por cordel de cânhamo com botões também de madeira. Tít. em anot. ms. a lápis na f. inicial em letra de mão não identificada.
Ms. 3505

Duarte de SANDE, 1531-1600
De missione legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam...
In Macaensi portu Sinici : in domo societatis Iesu, 1589.
Encadern. restaurada em 2017.
R-13-17

estabelecimentos jesuítas do Japão, até à expulsão dos missionários.

Esta invenção, que na Europa tinha sido tão revolucionária, não conseguiu competir com a impressão xilográfica chinesa e japonesa e, depois desta experiência, os jesuítas voltaram a usar os recursos locais para imprimir textos.

Para comparar as características materiais dos livros produzidos nas duas culturas do impresso, mostra-se a edição europeia do mesmo texto.

COMPANHIA DE JESUS. Missão da China
Brevis relatio eoru[m], quae spectant ad
Declarationem Sinaru[m] Imperatoris Kam Hi circa
Caeli, Cumfucii, et avoru[m] cultu[m], datam anno
1700.

[Pekini : Societas Jesv, 1701].

É a primeira edição, impressa por blocos xilográficos numerados à chinesa em 61 folhas duplas de papel oriental, dobradas na margem exterior, contando 122 f.

Cofre 39

COMPANHIA DE JESUS. Missão da China
Brevis relatio eorum, quae spectant ad
declarationem Sinarum imperatoris Kamhi circa
Caeli, Cumfucii, et avorum cultum, datam anno
1700.

Augustae Vindelicorum, & Dilingae : typis &
sumptibus Joannis Caspari Bencard, 1703.

1-12-1-26 Encad. com outros.

Seja qual for a forma como se apresente, o livro foi o principal suporte do conhecimento. Uma pequena peça que permite, a quem procura o saber, ir construindo Ciências ou Humanidades, de forma crítica, no confronto com outras pequenas peças semelhantes. Por isso, as bibliotecas universitárias têm hoje o dever de se constituir como locais de resistência contra uma informação fragmentária, em segunda mão, que se apresenta sem suporte material, sem uma autoria precisa, sem uma forma perfeitamente fixada no tempo e, portanto, impossível de utilizar na construção acumulativa e crítica da *Sabedoria*. Sem livros não há “caminhos”.

As obras figuram neste catálogo pela ordem da sua apresentação na exposição, pelo que dispensámos a inversão do último apelido, um recurso para a ordenação alfabética.